

3 - A-31-197

4
H-112

Adm. M. S. Joannes Nemesius

Julius Cesar Augustus

Large decorative calligraphic flourishes, including a large 'E' and 'G'.

Handwritten text in a box, possibly a date or reference number.

Quinquagesima	7
Ceniza ⁸	8
Enemigos	
Paralítico	
Cañedras	
Jana	
San, ijezes	
Ciego	
Lazarro	
Labado muerte de Lazaro	10
Domingo de Verdades	11
Lagrimas de Magdalena	12
Lagrimas de S. Pedro	13
Mandato	14
Mandato	15
Mandato	16
Pasos de Pasión	17, 18
Solidad	19

N. 13. 425

S E R M A M

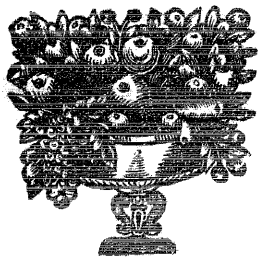
DA DOMINGA

18

DA QVINOVAGESIMA

Que prègon na Capella Real

O P. Fr. L V I S D E S. I O S E P H
Lente de Theologia, & Custodio da Pro-
uincia de S. Antonio dos Capuchos.



EM LISBOA.

Na Officina de I O A M D A C O S T A.

A custa de A N T O N I O L E I T E P E R E I R A Mercador
de liuros na rua noua.

M. D C. L X X I V.

Com todas as licenças necessarias.

2-23-83

1-8

DA DONG

...

...

...

...

...

...

...

...

...

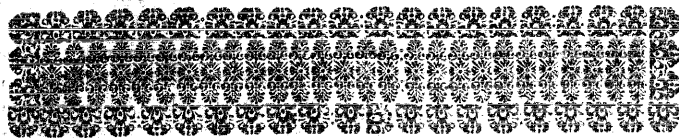
...

...

...

...

...



IESV FILI DAVID

miserere mei. LUC 18.



NOTAVEL genio he o do Sol (muito alto, & muito poderoso Principe, & Senhor nosso) nota-

vel genio, dizia eu, he o do Sol, pois naõ gastando momento algum, sem dar alentados passos, nem hum passo sò dà, sem fazer importantes beneficios Naõ gasta momento algum, sem dar alentados passos, porque sempre anda em hum movimento continuo, discorrendo com infatigavel defuelo, já do Oriente ao Poente todos os dias, já do Poente outra vez ao Oriente todas as noytes, já de hum signo pera outro signo todos os mezes, já do signo vitimo, outra vez pera o primeiro todos os annos *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur.* Naõ dà passo algum sem fazer importantes beneficios, porque tudo quanto com suas beneficis luzes, euidadoso regista, tudo com suas benignas influencias activo recreya, influndendo nos outros corpos celestes

os resplandores, com que se adornaõ, & nos sublunares os alentos, de que viuem: *Sol illuminans per omnia respicit.* He o Sol na dignidade soberano Principe, no posto benemerito Superior, no defuelo, & beneficencia, luzido exemplar de Princeses, & ajustado modelo de Superiores: Donde se infere com toda a euidencia, que pera os Princeses, & Superiores, se portarem neste particular, como deuem, copiar deuem em si com toda a perfeiçaõ deste luzido exemplar os primores, delineando em sius procedimentos com todo o primor de taõ ajustado modelo as perfeiçoens; Como fazia aquelle inclito Monarcha, o grande Theodosio, de quem o seu Panegyrista Principal por grande louvor seu o affirma: *Sol flare nescit, ita tu Imperator continuatis negocijs, & in se quodam orbe recurritis, semper exercitus es,* & muito melhor o Principe dos Monarchas, Christo bem nosso, de quem os oraculos divinos, por elegio

Ecclef. 41.16.

Ecclef. 4.5.

M. lach. singular seu o testemunhaõ, *orientur vobis Sol iustitia, & sanctas in genis eius.*

Act. 10. 38.

Sol verdadeiro no defuelo, & beneficencia, foi este soberano senhor, em quanto no mundo viueo, porque em quanto viueo em o mundo, naõ admitio momento de descanso, nem perdeu occasiã de fazer beneficios, como aduertio em poucas palauras o Apostolo S. Pedro, & mostrou em muitos successos a experiencia, *Pertransijt benefaciendo* Naõ admitio momento descanso, porque nunca tomou a estancia deste mundo de assento, sendo o homem de maior assento, que no mundo ouue; sempre andou como de caminho, discorrendo a huma, & outra parte, já de huma Prouincia para outra Prouincia, já de hum pouo, para outro pouo, já da Corte para o deserto, já do deserto para a Corte, já da terra para o mar, já do mar para a terra. *Pertransijt.* Naõ perdeu occasiã de fazer beneficios, porque em toda a parte, a todo tempo, com todos os sújeitos, de todos os Estados, & fortunas, exercitava sua natural beneficencia, dispensando liberalmente, como resplandecente Sol suas luzes, & como generoso Principe seus fauores, *benefaciendo;* De que temos varios exemplos no texto Evangelico, & dous mui particulares no Evangelho presente: O primeiro em huma compendiosa

relaçã, que fez diante dos doze Apostolos, seus principaes Discipulos, no caminho de Ierusalem, declarandolhe em segredo o muito, q̃ naquella Cidade auia de padecer, & como ao terceiro dia depois de sua morte auia resuscitar. *Ecce ascendimus Ierosolimam, &c.* Para que preueni'os com a noticia de seus trabalhos futuros, menos os sentissem, quando os vissem padecer de presente, que sempre magoão menos, experimentados de presente os golpes, que se chegarã a preuer futuros, & para que animados com a certeza de sua triumphante reurreiçã, menos os magoasse a experiencia de sua tormentosa morte, pois nunca deixou de adoçar a penalidade do tormento a infalibilidade do triumpho.

O segundo em hum officioso milagre, que obrou em hum pobre cego; que curou junto a Ierico: o qual innocando affectuoso sua diuina misericordia. *Iesu fili Dauid miserere mei,* merecco experimentar feliz sua omnipotente virtude, *respice, fides tua te saluum fecit.* Mas he muito para notar (& seruirã de primeiro reparo) que indo Christo nesta occasiã acompanhado, naõ sò dos Discipulos, que ordinariamente o acompanhauã; mas de muita gente mais, que attenta já a sua doutrina, já a seus milagres, o seguia, a ninguem recorreo o cego, senãõ a Christo. *Iesu fili Dauid,*

mid. E porque se não valeo o cego de algum terceiro, para negociar com Christo o favor que pertencia? porque não tomou por valedor algum dos Discipulos, para proseguir por intercessão sua; o remedio, de que necessitava? Fez o q̄ devia fazer o cego; Tinha em Christo hum Principe muito beneuolo, hum Principe muito benigno, hum Principe muito bem inclinado, hum Principe muito propenso a fazer bẽ, & achou, que não conuinha recorrer a outrem, senão a elle, porque sendo notoria no Principe a benignidade, ao Principe pessoalmente deuem recorrer os pretendentes com toda a confiança.

Bem estava nesta maxima o prudente Dimas, pois tendo jũto de si no Caluario a S. Ioão, que era o Ministro mais confidente, & o assistente mais valido de Christo *Discipulum stantem, quem diligebat*: a Christo, & não a S. Ioão, apresentou o seu discreto memorial *Domine memento mei*: a Christo, & não a S. Ioão, recorreo em sua bem fundada pretensão: E pois se S. Ioão he Ministro, & tão valido de Christo, porque não negocia Dimas com Christo o despacho, que pretende, por meyo de S. Ioão? Porque não apresenta a S. Ioão, senão a Christo, o eu memorial? já está dito, porque entendeo, que não conuinha: Sabia Dimas, que era Christo hum

Principe muito beneuolo, & muito benigno, & entendeo, que sendo tão beneuolo, & tão benigno, o Principe, a ninguem conuinha recorrer senão a elle. Não recorreo Dimas a S. Ioão, que era ministro, & valido, recorreo a Christo, que era Principe, & muito inclinado a fazer bem por muito benigno. A benignidade, que no Principe reconhecia, lhe deu confiança pera recorrer pessoalmente a elle, & não a outrem, em sua pertençaõ, apresentandolhe pessoalmente seu memorial *Domine memento mei*: porque sendo notoria nos Princeses a benignidade, aos Princeses, & não a outrem, deuem recorrer os pretendentes com toda a confiança.

E deixadas outras razoes; que eu considerava, a fã da parte dos pretendentes, como dos Princeses, a que eu considero mais ajustada, por mais politica, he porque o não recorrer pessoalmente aos Princeses, negociando por terceira pessoa com elles, he furtar lhes, ou pello menos diminuir lhes a gloria, que do exercicio da beneficencia lhes resulta; o que na minha opiniaõ he offensa graue contra o decoro devido à generosa beneuolencia dos Princeses. Resulta aos Princeses grande gloria do exercicio da beneficencia, & por não diminuir em si a gloria, que do exercicio da beneficencia lhe re-

sulta, não gostão os Príncipes de admitir companhia nas expedições de beneficencia, que exercitão: pois mais facilmente comunicarão os Príncipes generosos com seus Ministros, & assistentes, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Em presença do Sol, que he o Principe dos astros, nenhum dos outros astros dá luz, porque o Sol com a vehemencia de seus intensos rayos, impede o dar luz a todos os mais astros. Não pua o Sol aos outros astros da luz com sua presença, porque em presença do Sol não deixão de ter luz os astros, antes do Sol, que he fonte manancial da luz, recebem os outros astros a luz principal, que tem, como ensina a mais apurada Philosophia, & approua a mais ajustada Mathematica. O que faz o Sol he impedir aos outros astros a comunicação da luz, não consentindo, que dê outrem luz aos sublunares, senão elle, em quanto assiste presente: porque como isto he lanço de singular beneficencia, quer ser singular na expedição da beneficencia, que exercita, por não ficar diminuto em a gloria, que deste exercicio lhe resulta. As luzes q' são ostentação da solar Magestade, reparte liberal o Sol com os outros astros ministros, & assistentes seus: a comunicação, que he lanço de beneficencia, refer-

ua prouido sò para si, mostrando, que os Príncipes generosos mais facilmente repartirão com seus assistentes, & Ministros, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Passemos dos exemplos naturaes ao exemplar diuino.

Grandes merces fez Deos ao Patriarcha Iacob em Bethel, quando lhe appareceu em a celebre visão da escada, porque ali lhe prometeo aquella dilatada prouincia, que por isso se chamou depois terra de promissão, de juro, & herdade, para elle, & para seus descendentes, *terram in qua dormis, tibi dabo, & semini tuo*. Ali prometeo de fazelo Ascendente da mais numerosa descendencia, & tronco da mais illustre familia, *eris que semē tuū sicut pulvis terrae*. Ali lhe disse, o auia tazer pay natural do Messias, & progenitor seu em quanto homem, *benedicetur in te, & in semine tuo cuncta tribus terrae*. Ali proteftou de o acompanhar, & guardar, assim na sua pessoa, como na de seus descendentes, por onde quer que fossem, & andassem, *ero cum eis quocumque perrexeris*. Ali finalmente o allegurou de que o auia restituir áquella terra, jurando em sua pessoa das injustiças de Labão, & nas de seus descendentes das tiranias de Pharaó, *Et reuertemur in terram hanc*. Mas reparo eu, em que achandose ali muitos An-

Genel.
28 à 11.
13

jo, que se alternavaõ sobindo, & decendo pella escada: *Angelos quoque ascendentes, & descendentes.* Fizeffe Deos a Jacob por si mesmo, & não por ministerio de algum Anjo, estas promessas, & merces. *Dominum innoxium scala dicent: Ibi.* E bem se os Anjos são Ministros ordinarios de Deos *omnes sunt administratores spiritus,* & nesta occasião se áchaõ entre Jacob, & Deos tantos Anjos, porque se não aproueita Deos do ministerio dos Anjos, para fazer a Jacob estas merces, & promessas? serà por ventura, porque a expedição destas promessas, & merces, era lanço de singular beneficencia, & os lanços da beneficencia não os fião os Princeses generosos, senão de si mesmos? boa razão, & he a que serue a nosso intento, mas tem cõtra si huma valente instancia, pois no Tabor communicou este mesmo Senhor com Moyfes, & Elias assistentes, & Ministros seus, as ostentaçoens da Magestade, porque com grandes ostentaçoens de Magestade (como affirma S. Lucas) foraõ vistos estes dois Prophetas em o Tabor, *erant autem Moyses, & Elias, visi in maiestate.* Difficulto assim: le no Tabor reparte o filho de Deos com Moyfes, & Elias seus assistentes as ostentaçoens da Magestade, porque não reparte em Bethel com os Anjos Ministros seus a expedição da beneficencia? Se

admitte por companheiros nas ostentaçoens da Magestade os dous Prophetas puros homens, porque não admite ao menos por medianeiros na expedição da beneficencia, Ministros verdadeiros Anjos? foi sem duuida, por mostrar, que como Principe generoso mais facilmente cõmunicava com seus Ministros, & assistentes, as ostentaçoens da Magestade, que as expediçoens da beneficencia. As luzes, que eraõ ostentação da Magestade, repartio com os dous Prophetas seus assistentes, a expedição das merces, que eraõ lanços de beneficencia, não fiou, nem ainda dos Anjos Ministros seus, como quem fazia mayor estimação da gloria, que da beneficencia lhe resultava, que da gloria, q̄ da Magestade lhe procedia.

Politica, em que devia fundarse este soberano Principe, não admitindo companhia na obra da Redempção, como admitirá na expedição do juizo. Na expedição do juizo ha de ter este soberano senhor por companheiros, & assessores, a seus Apostolos, como elle mesmo lhe prometeo, *cum sederit filius hominis in sede Math. 19.28. Majestatis suae, sedebitis, & vos judicantes.* Na obra da Redepção nenhum assessor, nem companheiro admitio, como elle mesmo protestou, *corcular calcavi* If. i. 63. *so us.* E porque? Que motiuo seria o senhor para não admitir

Luc. 9.
31.

mitir companheiro alguma na obra da Redempção, auendo de admitir tantos na expedição do juizo? & porque admitirá tantos assessores na expedição do juizo, se nenhum companheiro quiz admitir na obra da Redempção? A razão a meu ver está euidente: a expedição do juizo ha de ser humana solemne ostentação da soberana Magestade do Senhor, *in se de maiestatis sue*, a obra da Redempção foi hum singular lanço de sua generosa beneficencia, *singular calcanti*, por isso na obra da Redempção, não quis admitir companheiro algũ, & na expedição do juizo admitirá tantos; porque como generoso Principe maior estimação faz da gloria, que da beneficencia lhe resulta, que da gloria, que da Magestade lhe procede, dando neste illustre exemplo este importante documento aos Princeses generolos, que por este titulo mais facilmente deuem communicar com seus Ministros, & assistentes, as ostentações da Magestade, que as expedições da beneficencia. Aduertido procedeo logo o pretendente do nosso Evangelho, pois sabendo passaua o Senhor acompanhado de seus Discipulos, & de muita gente, a ninguém recorreo senão a elle, em sua pretensão: Ao benefico Principe apresentou pessoalmente o seu ajustado memorial. Para que sendo toda sua a expedição da

beneficencia, ficasse sendo a gloria desta expedição toda sua. *Iesu fili David miserer mei.*

Dous titulos deu o cego neste seu memorial a Christo, de Saluador o primeiro, que isso quer dizer Iesus, & de filho de Dauid o segundo, sendo que parece, deuia ser ao contrario, porque primeiro foi o Senhor filho de Dauid, que Saluador dos homẽs, filho de Dauid foi logo na Cõceição, pois no mesmo ponto em q̃ começou a ter ser de verdadeiro homẽ, ficou filho verdadeiro de Dauid: Saluador dos homẽs foi o *initiatue*, no dia da Circuncisão, quando recebeu a primeira vez o sempre glorioso nome de Iesus, & *uocatum est nomen eius Iesus & completiue* no tempo de sua morte, quando deu feliis cumprimento à heroica obra da Redempção, *consummatum est*, & recebeu solememente este glorioso nome. *Iesus Nazarenus*. Como não dà logo o cego em seu memorial a Christo o titulo de filho de Dauid primeiro que o de Saluador, porque o intitula primeiro Saluador, se elle primeiro foi filho de Dauid? Com prudẽte acordo, por certo, & a razão he, porq̃ se o titulo de filho de Dauid em Christo denota a nobreza de seu ser em quãto homẽ, o titulo de Saluador dos homẽs, declara a generosidade do seu obrar em quanto Redẽtor, & na estimação dos sujeitos generolos,

Luc. 2.
11.

Ioann.
19. 30.

como em Christo, & deuem ser todos os Princeses, melhor lugar tem os titulos que declarão do obrar a generosidade, que os que denotão do ser a nobresa. Denota o titulo de filho de Dauid em Christo a nobresa de seu ser em quanto homem, porque o Pouo Hebreo naquelle tempo era o mais nobre do mundo, & a familia de Dauid, que era a Real, sempre foi a mais illustre do Pouo Hebreo. Declara o titulo de Saluador a generosidade de seu obrar em quanto Redemptor, porque na obra da Redempção se portou o Senhor com toda a generosidade, nem se pode considerar igual generosidade a que o filho de Deos mostrou na obra da Redempção; Por isso com misterioso acerto se lhe dà em primeiro lugar de Saluador, & em segundo de filho de Dauid, o titulo, pois como diziamos, na estimação dos Princeses generosos, primeiro lugar tem, não os titulos, que denotão a nobresa do ser, senão os que declarão a generosidade do obrar.

Principe dos Reis da terra, & primogenito dos mortos, intitula o Euangelista S. Ioão a este Senhor em seu Apocalypse, & o que mais he, primogenito dos mortos, primeiro que Principe dos Reis da terra. *Primogenitus mortuorum, & Princeps Regum terra*. sendo que ao contrario parece se intitula, por ser o Senhor primeiro Principe dos Reis da terra, que primogenito dos mortos, porque se bem se repara,

Principe dos Reis da terra foi Christo ab eterno em quanto Deos, & do primeiro instante de sua conceição, em quanto homem; Primogenito dos mortos começou a ser em o tempo de sua morte. Mais o ser Principe dos Reis da terra cõpete a Christo primario em quanto Deos, & secundario em quanto homem, porque se ainda em quanto homem he Principe verdadeiro dos Reis da terra, he porque he jutamente verdadeiro Deos: O ser primogenito dos mortos compete primario em quanto honrã, & secundario em quanto Deos, porque o Senhor não morreo em quanto Deos, senão em quanto homem; & em toda a boa razao o diuino se deve preferir ao humano, não o humano ao diuino: tudo são verdades Catholicas, & Theologias correntes: como logo, quando S. Ioão se empenha em dar a seu diuino Mestre estes titulos, lhe dà primeiro o titulo de primogenito dos mortos, & não o de Principe dos Reis da terra? Direi: o titulo de Principe dos Reis da terra denota em Christo a nobresa de seuster, porque de ser verdadeiro Deos, que he a mais esclarecida nobresa, precede o ser Christo Principe dos Reis da terra; o titulo de primogenito dos mortos declara a generosidade do seu obrar, porque obra de superior generosidade foi o deixarse morrer, sendo verdadeiro Deos, por saluar os peccos Penens, por isso o intitula S. Ioão primogenito dos

Apoc.
1.5.

mortos primeiro, que Principe dos Reys da terra, como quem conhecia muito bem sua generosa condição, & sabia tinha em sua estimação melhor lugar o titulo, que declarava a generosidade de seu obrar, que o titulo que denotava a nobreza de seu ser. Conhecia o amado Discipulo, como tão familiar, o genio de seu diuino Mestre, & como quem lhe conhecia tam bem o genio, lhe deu por essa ordem estes titulos, primeiro o que declara a generosidade de seu obrar, depois o que denota a nobreza de seu ser, porque na estimação dos sojeitos generosos nam tem o primeiro lugar os titulos, que denotam a nobreza do ser, senão os que declaram a generosidade do obrar.

E a razão disto he, porque ao titulo, que mais engrandece o sojeito, se deve dar a mayor estimação, & he certo, que não engrandece tanto o sojeito a nobreza do ser, como a generosidade do obrar o engrandece, porque a verdadeira grandesa na generosidade do obrar, & não em a nobreza do ser, se funda. Grande causa he o ser nobre por nascimento, mas o ser generoso em as obras he mais, porque a generosidade das obras só he a que faz auultar a nobreza do nascimento. Pouco auulta a maior nobreza, onde falta a devida generosidade, porque em a generosidade do obrar, melhor que em a nobreza do ser, se ostenta a verdadeira grandesa.

Com titulo de grandes fazeão a luz os dous Planetas, Príncipes dos astros, pois a ambos dá o Espirito santo na formação de grãdes o titulo, *fecit itaque Deus duo luminaria magna*. Naciao o Sol, & a Lua, para Príncipes, razão era, principialem logo com prendas de grandes, pois só de quem ostenta prendas de grãde em os principios, se pô le esperar acertos de Principe em os empenhos: mas não está por ora nisto o meu reparo, reparo só em o nome, que o Espirito santo dá a estes astros, quando os intitula grandes: das luminarias grandes, & não dous astros grãdes, ou dous grandes Planetas, diz que fez Deus, para dizer, que fez o Sol, & a Lua. *Duo luminaria magna, não duo astra magna, nem duos Planetas magnos*. E porque? Que razão moueria ao Espirito santo para nomear ao Sol, & a Lua, luminarias, & não astros, ou Planetas, quando os intitula grandes. Para qualificar a grandesa do Sol, & da Lua, mais a proposito, pareceerão os nomes de astros, & Planetas, que o de luminarias, porque o nome de astros, & o de Planetas, competem só a corpos celestes, o nome de luminarias conueu também aos sublunares, pois ha na tocha, huma candeia, & tudo o mais, que dá luz, se cha na luminaria: os corpos celestes são sem comparação mais nobres, que os sublunares; quando logo pretêde o Espirito santo dar ao Sol, & a Lua, titulo de grandes, porque

que os nomeia luminarias, & não Planetas, ou astros? Diry: os nomes de astros, & Planetas, no Sol, & na Lua, denotão a estirada nobreza de seu ser, mas como o nome de luminarias declara a nativa generosidade de seu obrar, daihe o Espirito santo nome de luminarias, & não de astros, ou Planetas, quando os publica grandes, para mostrar, que na generosidade do obrar, não em a nobreza do ser, consiste a verdadeira grandesa. Denotão os nomes de astros, & Planetas na Lua, & no Sol, a estirada nobreza de seu ser, porque os publicão corpos puramente celestes, & todos sabemos, que nos corpos celestes se acha a mayor nobreza. O nome de luminarias declara a nativa generosidade do seu obrar, porque significa sojeito, que alumia, & dá luz, & como o diuino Espirito he o que melhor conhece, qual seja a grandesa verdadeira, não poem a grandesa do Sol, & da Lua, em serem astros, ou Planetas, senão em serem luminarias, para ensinar, que não consiste a verdadeira grandesa tanto em a nobreza do ser, como em a generosidade do obrar. Prezemse os Princeses, & os grandes, mais de luminarias, que de astros, & Planetas, porque não importa tanto o ser Planetas, ou astros, como o ser luminarias, para se publicarem grandes, & accreditarem Princeses: se são astros, & Planetas, em a nobreza do ser, mostrem ser também luminarias na generosi-

dade do obrar, porque nisto se funda, & consiste, por instrucção do Espirito tanto a verdadeira grandesa, *fecit itaque Deus duo luminaria magna.* A razão desta razão he, porque a nobreza do ser mostra o que o sojeito he em si, a generosidade do obrar, ve-se no q obra o sojeito em ordem ao bem de outros, & o que mais engrandece, não he o que o sojeito em si he, senão o que em ordem ao bem de outros obra. Não consiste a principal grandesa, & menos a verdadeira regalia, no que os Princeses, & grandes, são em si, senão em o que obrão em ordem ao bem de outros.

End. f.
247.

Ego in altissimis habitavi, & thronus meus in cœluna nubis. Eu habito em o mais alto do Ceo, no seyo de meu eterno Padre, & o meu throno estue em a nuue, com que guiei a meu Pouo pelo deserto, aiz a labedoria increada, & são estas palauras benemeritas de grande ponderação, assim pella difficuldade, que encerrão, como pella doutrina, que inculcão: se o Filho de Deos dissera, que no seyo de teu eterno Padre, tinha o throno, & que na columna de nuue fazia tua habitação, pouca difficuldade tinha o lugar, considerada bem a distancia, que vai da região do ar, onde as nuuens se vem, ao alto do Ceo onde o Padre Eterno reside, & bem pôderada a differença, que ha entre o seyo do Padre, & a columna de nuue: mas afirmar, que no seyo do Padre tem só habitação, & na columna de nuue

throno, encerra difficuldade grã-
 de pella mesma razão: que razão
 teria logo o Filho de Deos, para
 dizer que na columna de nuue ti-
 nha o throno, & no seyo do Pa-
 dre simples habitação? Auiue-
 mos o reparo, & pôderemos bem
 a difficuldade: o nome de habi-
 tação compete ao domicilio de
 qualquer particular, o nome de
 throno conue'n só ao assento dos
 Princeses soberanos: Princepe
 soberano melhor parece, se o-
 stenta o Filho de Deos em o se-
 yo de seu eterno Padre, onde se lo-
 gra o mesmo ser indiuíduo de
 Deos com elle, que em a colun-
 na de nuue, onde exercitava o
 officio de guia de seu Pouo, fun-
 ção que pudera mandar fazer por
 hum Anjo: Mais claro: o nome
 de habitação não denota rega-
 lia, nem ainda grandesa, o nome
 de throno denota grandesa sobe-
 rana, & regalia verdadeira: co-
 mo logo affirma o Filho de Deos,
 que tem no seyo do Padre sim-
 ples habitação, *ego in altissimis
 habitavi*, & na columna de nuue
 magestoso throno, *& thronus
 meus in columna nubis*? Porque
 não diz, que no seyo do Padre tem
 o throno, & na columna de nu-
 ue a habitação? Direi: No seyo
 do Padre Eterno he o filho de
 Deos todo para si, porque a ne-
 nhuma creatura diz relação o fi-
 lho de Deos, em quanto preci-
 samente assistente no seyo do Pa-
 dre, na columna de nuue obra-
 ua em ordem ao bem de outros,
 porque guiaua seu Pouo para a
 desejada terra da promissão, por

isso confessa, que na columna de
 nuue tem magestoso throno, &
 no seyo do Padre simples habi-
 tação, como quem entendia, que
 não estaua sua mayor grandesa,
 & menos sua verdadeira regalia,
 tanto no q em si era, como no q
 em ordem ao bem dos seus obra-
 ua, *ego in altissimis habitavi*, &
thronus meus in columna nubis. No
 seyo do Eterno Padre, onde o
 Filho de Deos he só para si, con-
 fessa que habita, como particu-
 lar, na columna de nuue, com
 que guia o Pouo, affirma, que
 tem o throno, como soberano
 Princepe, dando a entender,
 que não engrandece tanto o que
 os sojeitos em si são, como o que
 em ordem ao bem de outros o-
 brao. Oh bem: onde os Prince-
 pes encaminhão como guias,
 guiao como Capitaens, amparão
 como nuuens, & sustentão co-
 mo columnas, *in columna nubis*,
 ahí se deuem persuadir, que tem
 o throno, porque ahí manifestão
 sua grandesa, & ostentão sua
 regalia, *& thronus meus*, onde
 são só para si, não, porque a hi
 habitão, ou deuem considerar,
 que habitão como particulares,
ego in altissimus habitavi. Assun-
 o confessa de si o Princepe su-
 premo, & assim o deuem enten-
 der de si todos os mais Princeses,
 porque a grandesa principal, &
 regalia verdadeira, não consiste
 tanto no que os Princeses, &
 grandes são em si, como em o
 que obrão e n ordem ao bem de
 outros. Consideração, que de-
 uia fazer o nosso pretendente,

pois dando a Christo em seu memorial titulo de filho de Dauid, & de Salvador, primeiro lhe deu o de Salvador, que denotando a generosidade de seu obrar, declaraua o que obraua em ordem ao bem de outros & depois o de filho de Dauid, que declarando a nobreza de seu ser, denotaua o que era em si. *esu fili Dauid*. Quiz dar-lhe em primeiro lugar o titulo, que elle mais estimaua, porque mais o engrandecia, & resoluco-se em dar-lhe primeiro, não o que declaraua o que era em si, senão o que dizia o que obraua em ordem ao bem de outros, intitulado-o primeiro Salvador, & depois filho de Dauid, porque entende o, & entendeo bem, que o não engrandecia tanto o que em si era por filho de Dauid, como o que em ordem ao bem do mundo todo obraua em quanto Redēptor, *tesu fili Dauid*.

Miserere mei. Compadecei uos Senhor de mim, vñai comigo de vossa misericordia. Apenas intitulou o cego a Christo Principe, assim por Salvador, como por filho de Dauid, quando logo implorou sua misericordia, pedindo se compadeceffe de sua miseria. Oh como andou prudente o cego! que aduertido procedeo o nosso pretendente! Principe intitula o senhor, quando pretende experimentalo misericordioso: Para o inclinar à misericordia, lê-lhe que he Principe: & com grande aduertencia, porque he mais natural em os Prin-

cepes a misericordia, & em ninguém he a misericordia tão natural, como em os Príncipes. São os Príncipes inclinados naturalmente à misericordia, & na inclinação, que a misericordia mostra, mostrão que o são os Príncipes. A demonstração mais euidente de ser Deos Principe supremo, he ser em todo o estremo misericordioso: em nenhuma cousa mostra Deos nosso Senhor com tanta euidencia a eminencia de seu Principado, como em mostrar-se inclinado ao exercicio da misericordia. Assim o afirma meu glorioso Padre S. Antonio, *quod eius*, diz elle fallando de Deos, *quod eius presidentiam manifestat, est misericordia*. Como se differa: na inclinação, que a misericordia mostra, nas obras de piedade, que exerceita, ostenta Deos a geral presidencia, com que sobre tudo domina, o supremo dominio, com que sobre todos impera. Assim o diz o deuoto Padre, & assim he na realidade: Na inclinação que a misericordia mostrão, mostrão que o são os maiores Príncipes.

Sobre o peito inclinou Christo a cabeça estando em a Cruz; *inclinato capite*, & nesta inclinação misteriosa diz S. João Christosmo, que mostrou o Senhor com toda a euidencia ser Principe supremo do vniuerso, *per quod ostendu cum Euangelista, esse omnium dominum*. De modo que na inclinação da cabeça ostentou Christo a eminencia de seu Principado: e n referir co no o cte-

S. A mto
fer. fer.
4. Dom.
1. quad.

Ioann.
19. 30.

Br. f.
84 n
Ioan.

mentíssimo Senhor inclinou sobre o peito a cabeça, o declarou o seu fiel Chronista por verdadeiro, & supremo Príncipe. Assim o diz o Padre, mas eu ainda não alcanço a razão, que o Padre teue para o dizer assim; Que coueniencia té o inclinar sobre o peito a cabeça, com o ser Príncipe supremo, para dizer a luz de Grecia, que então se ostentou o filho de Deos Príncipe supremo, quando inclinou sobre seu peito a cabeça? Não explicou S. João Chrióstomo a razão, em que se fundou para o dizer, mas S. Lourenço Iustiniano aponta o fundamento, que deuia ter para o afirmar: notem a razão, que he tão subtil, como deuota: Inclinando a cabeça sobre o peito, mostrou-se Christo inclinado à misericórdia, porque a officina principal da misericórdia, que he o coração, reside em o peito, & assim como o Senhor nesta inclinação se mostrou à misericórdia de veras inclinado, *caput liquefecit ad misericordiam*, nesta mesma inclinação se declarou com effeito Príncipe supremo, *per quod ostendit eum Euangelista, esse omnium dominum*. Na mesma acção, em que o Saluador se mostrou mais inclinado à misericórdia, declarou melhor a emnencia de seu principado, dando-se a conhecer por Príncipe supremo, & Senhor verdadeiro de todo o vniuerso, porque não ha demonstração mais euidente de ser hum sojeito verdadeiro Príncipe, que o mostrar-se de ve-

ras à misericórdia inclinado, pois na inclinação, que a misericórdia mostra, mostraõ que o são os Príncipes. *Caput liquefecit ad misericordiam, per quod ostendit eum e, e omnium dominum*, & porque o nollo pretendente estaua muito bem nesta maxima, quando pretendia inclinar a Christo a que vzaße com elle de sua misericórdia, lhe lembrou que era Príncipe, intitulado-o Saluador, & filho de Dauid. *Iesu fili Dauid miserere mei*.

Mas parece se portou o Senhor com este pobre cego menos misericordioso do que se esperaua de hum Príncipe tão ajustado, pois não deuõ a seus primeiros clamores, porque muitas vezes repetio o cego os clamores, primeiro, que o Senhor lhe deferisse dandolhe audiencia, & remediando tua miseria, *at ipse multo magis clamabat*. O dilatar a audiencia aos pretendentes, & differir o remedio aos necessitados, não são lanços de misericórdia, talta parece de piedade, porque o prior da misericórdia veste na breuidade com que se remedea o necessitado, & a obrigação dos Príncipes satisfaz, ouuindo sem dilacão os pretendentes. Como logo sendo Christo Príncipe verdadeiro, & sendo proprio dos Príncipes serem misericordiosos, falta o Senhor nos primeiros de misericordioso, & ainda à obrigações de Príncipe? Hora o certo he, que não faltou, nem podia faltar o Senhor nesta occasião, como nem em alguma outra, nos pri-

S. Laur.
Iustin.
lib de a
gona c.
20.

primores de misericordioso, & menos a obrigação de Príncipe, antes nisto se mostrou mais de veras Príncipe, & co-n mais primor misericordioso, porque se não de- firio aos primeiros clamores do cego, foi porque vi- ha occupado em doutrinar as turbas, & a ley de Príncipe, & misericordioso, deuia o Senhor continuar a douctrina das turbas, dilatando por esse respeito a cura do cego, por duas razões; a primeira porque a douctrina das turbas era pasto espiri- tual das almas, a cura do cego, era remedio temporal do corpo, & por attender ao bem temporal, que pâra em cômodo do corpo, não se ha de interromper o bem espiri- tual, que condus à saluação da alma. A segunda razão, & mais politica he, porque o doutrinar as turbas era bem commum, por- que era em utilidade de muitos, o farar o cego era bem particular, porque era remedio de hum sò, & a toda a ley deuia o Senhor di- latar o remedio do particular em quanto attendia a expedição do bem cômun. Encontrando se expedições do bem cômun com o remedio dos particulares, não se ha de tratar do remedio dos par- ticulares, senão de dar expedição ao bem cômun. Esperem os par- ticulares, & não pãlça o cômun, porque a toda a ley deue prefe- rir se o bê cômun ao particular.

A primeira palavra, que profe- rio o Príncipe supremo e no tro- no da Cruz, foi pedindo a seu E- terno Padre pãrdão por todos os que eraõ complices em sua mor-

te. *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Outras pala- uras disse o Senhor em a Cruz, mas entre todas esta do perdão foi a primeira: E porque seria a primeira esta do perdão? A meu ver foi, porque esta sò era em or- dem ao bem commum, & como Christo na Cruz pretendia mo- strarle príncipe em todo o extre- mo misericordioso *Iesus Nazare- nus Rex*, tratou em primeiro lugar do que tocava ao bem cõ- mum, & depois do que tocava ao cômodo de particulares. *Pater ignosce illis.* Era a petição do per- dão em ordem ao bem commum, porque os mais dos que assistião em Ierusalem, assim Romanos, como Hebreos, eraõ complices na morte do Senhor: era tudo o mais em ordẽ ao cômodo de par- ticulares, porque a segunda pa- lavra, que o Senhor em a Cruz disse, foi pro netẽdo a Dimas cõ- panheiro seu em o tormento, se bem não em a causa, o Deo, *hodie mecum eris in para is*, a tercei- ra foi encomendando sua santissi- ma mãy ao seu Discipulo ama- do, & o Discipulo amado a sua mãy santissima, *ecce filius tuus, ecce mater tua*, a quarta pub- lican- do sua mortifera te de *siro*, a quinta queixãdo se de seu extremo de- semparo. *Deus Deus meus, et quia dereliquisti me*, a sexta protestã- do, tinha satisfi- to pontualmen- te de Redemptor o officio, *con- summa tum est*, a septima entre- gando nas mãos de seu Eterno Padre seu alentado espirito. *pa- ter in manus tuas commendo spiritũ*

Luc. 23.
34.

Ib. 43.

I. ann.
19. 26.
b. 28.

Math.
27. 46.

Luc.
24. 46.

interim, por isso de quantas palavras na Cruz profere, quis fosse a do perdão a primeira, mostrando que o seu principal empenho, era tratar do que tocava ao bem comum, & que depois de tratar do que tocava ao bem comum, attendia ao cômodo dos particulares. Cortou peílos repeitos mais apertados por attendêr à obrigação mais precisa, desobrigando-se de tratar do cômodo da máy, do Discipulo, do companheiro, & ainda do seu proprio cômodo, em quanto attendia ao perdão dos inimigos, porque o perdão dos inimigos era bem comum, & tudo o mais cômodo de particulares. Primeiro tratou do que tocava ao bem comum, e de mais dos menos benemeritos, e de depois do que pertencia ao cômodo dos particulares, ainda mais chegados, porque entendo, conuinha fazello assim a ley de Principe, & de misericordioso, pois a toda a ley deue perferirse o bem comum ao particular. Bem dizia eu logo, que dilatando o Senhor a curado sego por contiuar a douctriua das turbas, se mostrara mais de veras Principe, & com mais primor misericordioso, pois dilatava o remedio do particular por attendêr ao bem commum, & nam interrompia a expedicao do bem commum por attendêr ao cômodo do particular, *et ipse multa magis clamabat super.*

Assim observou sempre este Principe diuino, & sempre o deue observar assim a sua imitacao

os Principes, & superiores humanos, porque so entrão se portao como deuem os superiores, & Principes humanos, quando se ajustão, no modo que podem, a este exemplar diuino. Todos os Principes bons são intellectuaes copias deste soberano exemplar, pois co no diz o antigo Proverbio, todo o bom Principe he i nagem anuada do Principe supremo, que he Deos. *Princeps probus simulat Deum in terris imago.* E he certo, que em nenhuma outra se parecem os Principes tanto com Deos, como no affecto da misericordia & no zelo do bê comum, pois o mesmo Deos na Cruz onde se ostentou mais de veras Principe, *Dominus regnavit à ligno*, se manifestou do bem comum mais zeloso, & ao exercicio da misericordia mais affecto. *Pater dimitte illis.* Ditolos os vassallos, & venturosa a Monarchia, que chegarão a ter Principe tão parecido com Deos, assim no zelo do bem commum, como no affecto da misericordia, Principe, que sem saltar ao commodo dos particulares, sempre attende primeiro a expedicao do bem commum, porque a tomba de tal Principe se podê prometer grandes felicidades os vassallos, & felices augmentos a Monarchia, esperando nas ellipzilas prosperos successos, e nos emmentos lucullinas prosperidades, e acompanhadas nesta vida de muita graça, & melhoradas em a outra com muita gloria. *Ad quam, &c.*